

Empresas criam novos cargos na área de governança

Stela Campos

Aos 31 anos, Rodrigo Pecchiaie é dono de informações sigilosas que fariam inveja a qualquer executivo da Brasilprev. Ele simplesmente fica sabendo antes todas as grandes decisões que podem afetar os rumos da empresa. Com trânsito livre na presidência, conselho de administração, diretorias, comitês consultivo e de auditoria, ele ocupa uma função até então inédita na companhia: ele é assessor de governança corporativa.

Pecchiaie não é o único com esta missão, mas faz parte de um grupo ainda restrito de profissionais que está desbravando novos caminhos nas empresas brasileiras interessadas em aprimorar seus sistemas de gestão. São assessores, gerentes e até diretores especializados em governança corporativa. "As oportunidades estão surgindo em duas vertentes: uma mais externa, onde o objetivo é cuidar do relacionamento com investidores; e outra mais interna, cuja missão é assegurar que as práticas de governança sejam respeitadas por todos da companhia", diz Alexandre de Miceli, professor de finanças da FEA/USP.

"As empresas que abriram capital recentemente estão começando a procurar esses profissionais e a mapear os melhores candidatos no mercado", diz Ricardo Bevilacqua, presidente da Case Consulting, especializada no recrutamento de executivos. Sua empresa selecionou três executivos para cargos dessa natureza no ano passado e já tem a missão de encontrar mais um este ano. "A demanda vem crescendo", diz. Os salários para assessores e gerentes, segundo ele, podem chegar a R\$ 14 mil mensais e para os diretores, até R\$ 22 mil.

O profissional que as empresas buscam para esses cargos não possui uma formação específica, segundo Bevilacqua. "Elas querem alguém mais ligado às ciências humanas, da área jurídica, de auditoria ou recursos humanos, mas o importante é que o candidato tenha uma visão estratégica do negócio e, principalmente, habilidade para lidar com as pessoas", explica.

Para ajudar a preparar os executivos interessados nessas novas oportunidades de carreira, a Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap) está lançando este ano a primeira pós-graduação, lato sensu, dirigida à formação de profissionais para atuar na área de governança e sustentabilidade. "São dois temas interdisciplinares e transversais nas empresas", explica Marcelo de Aguiar Coimbra, coordenador pedagógico do novo curso.

Rodrigo Pecchiaie, da Brasilprev, será um dos professores do curso. Advogado, sua área de especialização foi direito societário. Ele ingressou na empresa em 2004 para atuar no departamento jurídico. "Mas eu era apaixonado pelo mercado de capitais", conta. Ao assumir o novo cargo de assessor de governança teve que ampliar seus conhecimentos sobre contabilidade e gestão. "Foi uma mudança de uma área de 'back office' para outra de negócios", diz.

A principal função de Pecchiaie é fazer circular a informação entre todos os acionistas da empresa: o Banco do Brasil, o Principal Financial Group e o Sebrae. "Defendo a transparência em todos os processos", explica. "Organizo a agenda de reuniões elegendo as prioridades, participo de todas elas, elaboro atas e quando necessário lembro no próximo encontro o que foi dito ou implementado".

Leonardo Viegas, do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBCG), diz que em outros países onde a questão da governança está mais evoluída, como na Inglaterra, é comum encontrar a figura do secretário de governança ("corporate secretary"). Segundo ele, esse é um cargo disputado nas companhias inglesas. "Eles são os encarregados de fazer o 'follow' das decisões do conselho", explica.

Esse tipo de cargo também começa a crescer no Brasil. Sua função é um pouco mais restrita. O assessor de governança vai além. "Ele não participa só de reuniões do conselho, mas da diretoria e dos comitês. Ele precisa garantir que não está havendo sobreposição no fluxo de informações", diz Alexandre de Miceli. Como todos os órgãos de governança tendem a ter

documentos, regimentos internos, códigos de ética e suas próprias diretrizes, cabe ao assessor ser a interface entre eles.

A preocupação em ter profissionais "guardiões" das boas práticas ganhou força nos últimos três anos. "Antigamente, os conselhos de administração eram pró-forma. Eram mais simples de um lado e também mais pobres do outro. Agora a complexidade é muito maior", explica o professor. As empresas passaram a ter mais órgãos de governança. Além do conselho de administração e da diretoria executiva, segundo ele, existem os comitês de auditoria, de remuneração, de sucessão, de nomeação de novos conselheiros e diretores, fiscal e de auditorias internas. "Tudo isso criou uma outra demanda por um profissional que trabalhe dentro desse novo modelo", diz.

Para Carlos Faccina, assessor corporativo da Nestlé e também professor no novo curso da Fecap, acredita que quanto mais as empresas no Brasil descentralizam sua gestão, tendo assim mais 'stakeholders', maior é a necessidade delas terem organismos que centralizem e e normatizem conceitos.

A Brasil Telecom foi uma das primeiras empresas a criar uma diretoria de governança no fim de 2005. O escolhido para assumir o cargo foi um ex-conselheiro da companhia, que também participava de comitês de auditoria e conselhos em outras empresas. Fábio Moser, 39 anos, é administrador de empresas, fez um MBA com ênfase na área de finanças e mestrado em administração. "Na época da saída do Opportunity, a companhia enfrentava um problemas em relação à transparência", lembra. "Minha missão era criar ferramentas que efetivamente resolvessem essa questão".

O primeiro passo dado pela nova diretoria foi tentar melhorar a relação com os investidores. "Reformulamos a área de RI do site, começamos a promover encontros a cada trimestre em vários estados e até reuniões com investidores no exterior porque temos ações na Bolsa de Nova York", diz. Outra medida foi melhorar o nível de informação dentro da empresa. "Passamos a falar de resultados, sobre nosso orçamento, metas, bônus e programas de participação nos lucros para os funcionários", diz.

Agora, a missão de Moser é promover mudanças no estatuto da companhia para enfatizar alguns aspectos ligados à governança. "Temos que criar mecanismos para garantir a criação de valor no longo prazo", diz. "A palavra de ordem agora é sustentabilidade".

Informações sobre o curso da Fecap pelo fone: 0800-171757

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 4 abr. 2007. Eu & Carreira, p. D6.